

Inteligência Artificial no jornalismo: primeiras impressões sobre o uso do ChatGPT

**Maria José Baldessar
Larissa Gaspar Coelho Pinto**

Resumo:

Este artigo discute a utilização da inteligência artificial, mais especificamente do ChatGPT, na rotina jornalística em veículos de comunicação brasileiros, a partir da experiência de três repórteres. Para tanto, faz-se um resgate teórico resumido sobre os conceitos de inteligência artificial, aprendizado de máquina e processamento de linguagem natural. Por meio de um questionário com 13 perguntas, nosso objetivo é analisar as experiências que estão sendo realizadas com o ChatGPT nas redações jornalísticas, desde as motivações, passando pelas vantagens e desvantagens até as precauções e as projeções da utilização da ferramenta no jornalismo. A investigação merece ser aprofundada na medida em que o uso de ferramentas de inteligência artificial é popularizado e institucionalizado no jornalismo.

Palavras-chave: Inteligência artificial. Jornalismo. ChatGPT.

Artificial Intelligence in Journalism: First Impressions on the Use of ChatGPT

Abstract:

This article discusses the use of artificial intelligence, specifically ChatGPT, in the journalistic routine of Brazilian media outlets, based on the experience of three reporters. To do so, a brief theoretical overview is provided on the concepts of artificial intelligence, machine learning, and natural language processing. Through a questionnaire consisting of 13 questions, our objective is to analyze the experiences that are being carried out with ChatGPT in newsrooms, from motivations to advantages and disadvantages, as well as precautions and projections regarding the tool's utilization in journalism. Further investigation is warranted as the use of artificial intelligence tools becomes more popularized and institutionalized in journalism.

Keywords: Artificial Intelligence. Journalism. ChatGPT

Maria José Baldessar

Doutora Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora Titular da UFSC, onde atua nos programas de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

E-mail: mbaldessar@gmail.com

Larissa Gaspar Coelho Pinto

Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC/UFSC) e especialista em Gestão da Inovação na Comunicação Digital (Cesusc).

E-mail: larissa.gaspar-cp@gmail.com

Introdução

Da invenção da imprensa, no século XV ao surgimento dos telejornais em 1950, do jornalismo digital em meados dos anos 1990 e das primeiras experiências com Inteligência Artificial (IA) a partir de 2010: o jornalismo está em constante evolução, transformando a forma como as notícias são criadas e consumidas. Uma das mais recentes inovações advindas da IA é o ChatGPT, um modelo de linguagem que usa técnicas de aprendizado de máquina para gerar textos em linguagem natural em formato de bate-papo, desenvolvido pela empresa de desenvolvimento de software OpenAI.

A utilização de IA com objetivo de aumentar a velocidade e precisão das reportagens já é uma realidade no jornalismo. E, sempre que uma nova tecnologia surge, surgem também discussões sobre as mudanças que elas provocam no mercado de trabalho. A introdução de tais tecnologias, como a IA e o próprio ChatGPT, nas redações, pode trazer conflitos entre os que estão interessados no seu emprego e os que defendem que a redação deve ser exclusividade dos jornalistas (Guerra, 2023; Baldessar e Zandomênico, 2022).

As discussões acerca do uso da IA nas redações jornalísticas estão ancoradas no que Barcelos (2019) classifica como “um novo paradigma comunicacional para o jornalismo”, que é composto por nove temáticas principais.

1) automação de notícias; 2) interferência e redesenho do processo de apuração e produção do jornalismo, isto é, em suas rotinas produtivas; 3) novas formas de influência na mediação jornalística a partir de bots agentes em comentários de notícias que filtram, liberam ou barram determinadas expressões e enunciados; 4) novas experiências no âmbito da distribuição e do consumo do jornalismo a partir de artefatos/dispositivos inteligentes; 5) na seleção de temas que os leitores querem e devem acessar, segundo a lógica computacional vigente da AI, extraídos de metadados das próprias audiências ativas; 6) auxílio e/ou interferência nas rotinas produtivas 7) precarização da atividade profissional do jornalista, ampliando o temor da substituição humana; 8) novos formatos possíveis a partir de notícias - conversacionais, onde já é possível dialogar com vozes jornalísticas informacionais; e 9) novos atores no ecossistema jornalístico como agentes automatizados e robôs (Barcelos, 2019, p.148).

Para o autor, a combinação destes desafios no jornalismo é recente, mas já existe a necessidade de reflexões sobre a prática profissional e estudos sobre o impacto que tecnologias como a IA representam à produção, à distribuição e ao consumo de notícias. A proposta do presente artigo é contribuir para tal reflexão, sem ser excessivamente otimista ou pessimista, apenas relatando e discutindo os fatos, assim como se propõe um bom jornalismo.

Leva-se em conta, também, o que ressalta Abdulrahman (2023): o jornalismo é, em última instância, um esforço humano. O jornalista é treinado para observar, fazer perguntas e buscar a verdade de uma forma que as máquinas não podem replicar. A intuição, algo essencialmente humano, ajuda a identificar histórias e ângulos interessantes, a se conectar com fontes e a construir confiança com o público.

A partir do depoimento de três repórteres que utilizaram o ChatGPT no âmbito da atividade jornalística, este artigo endereça as temáticas de “interferência e redesenho do processo de apuração e produção do jornalismo” e “precarização da atividade profissional do jornalista, ampliando o temor da substituição humana” de Barcelos (2019). O objetivo é analisar as primeiras impressões do uso da ferramenta na prática jornalística e compreender os possíveis desdobramentos do uso generalizado do ChatGPT nas redações. Para isso, o artigo foi organizado em quatro tópicos que descrevem a jornada desta investigação: os primeiros trazem a fundamentação teórica; o segundo descreve os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolvimento da pesquisa; o terceiro apresenta os resultados encontrados e a discussão destes e, o quarto, as considerações finais.

Tecnologia & Jornalismo

A tecnologia transforma a maneira como a informação - e o conhecimento - é coletada, produzida e distribuída e, por isso, pode ser considerada uma dimensão estruturante do jornalismo. Como afirma Sandano (2015), as novas tecnologias não mataram ou irão matar o jornalismo, mas trouxeram novos desafios. Sobretudo no início do século XXI, os jornalistas viram surgir a necessidade da utilização de novas tecnologias de comunicação devido ao crescimento de demandas como a interatividade, a instantaneidade e a convergência midiática. O quadro 1 elenca as principais inovações tecnológicas que moldaram o jornalismo nas últimas décadas.

Quadro 1: Inovações tecnológicas no Jornalismo

Invenção da imprensa (1440)	Johannes Gutenberg inventa a prensa de tipos móveis, permitindo a produção em massa de livros e jornais.
Jornais impressos (século XVII)	Surgem os primeiros jornais impressos na Europa, como o "The Times" em Londres (1785) e "Le Monde" em Paris (1824). No Brasil, surgem a Gazeta do Rio de Janeiro (1808) e A Província de São Paulo (1875). Desenvolve-se uma estrutura editorial formal, com equipes de repórteres e editores.
Telégrafo e telefone (século XIX)	Na produção jornalística, o telégrafo funciona como recurso de transmissão de informações a distância e facilita a cobertura de eventos. Mais tarde, o telefone leva à aceleração da produção e da veiculação de notícias e estimula a divisão do trabalho nas redações, com a possibilidade de enviar informações fragmentadas por telefone, tornando os repórteres especialistas na apuração de dados.
Rádio (década de 1920)	A transmissão de notícias via rádio se torna popular, proporcionando um meio de comunicação em tempo real para as massas. Houve a introdução do jornalismo radiofônico, uma forma mais imediata de apresentar notícias ao público.

Televisão (década de 1950)	A televisão se torna um novo meio de comunicação, combinando áudio e vídeo para transmitir notícias de maneira mais envolvente, principalmente após os anos 1970, com o ganho das imagens coloridas. Com a popularização da TV a cabo, na década de 1990, o telespectador mais exigente e com maior poder aquisitivo celebra a diversidade de canais à sua disposição. Surge, então, a WebTV ou a TV para a internet, considerada como uma convergência entre a televisão e a internet. Face a esta convergência, alguns sites de notícias aproveitaram para fazer uso deste novo estilo de veicular as informações, a fim de conquistar cada vez mais seu público.
Introdução do computador e surgimento do jornalismo digital (1990)	A introdução dos computadores é caracterizada como um divisor de águas nas redações, pois os jornalistas tiveram que se adaptar à nova realidade, com exigência de maior qualificação e modificações nas condições de trabalho. O surgimento da internet leva ao desenvolvimento de portais de notícias online, proporcionando acesso rápido a informações em tempo real. Assim, surge o “Jornalismo Digital”, dando origem a formatos multimídia, blogs e uma entrega mais rápida de notícias.
Jornalismo via redes sociais (década de 2000)	As redes sociais tornaram possível que um utilizador não tenha que se deslocar para comunicar ou para se informar. Plataformas como Facebook, Twitter e Instagram transformam a forma como as notícias são disseminadas, permitindo que indivíduos compartilhem e consumam notícias de maneira mais interativa.
Jornalismo móvel (década de 2010)	Por dispositivos móveis, compreende-se todos os equipamentos tecnológicos de pequena dimensão que podem ser facilmente transportados. O aumento do uso de smartphones e tablets leva ao desenvolvimento de aplicativos de notícias e ao crescimento do consumo de notícias em dispositivos móveis. A produção de notícias é adaptada para dispositivos móveis, com repórteres usando smartphones para cobrir eventos em tempo real.

Realidade virtual e aumentada (a partir de 2010)	As tecnologias emergentes como realidade virtual e aumentada começam a ser exploradas para criar experiências mais imersivas no jornalismo. Começa a exploração de novas formas de contar histórias, proporcionando experiências imersivas e interativas ao público.
Inteligência Artificial no Jornalismo (a partir de 2010)	O uso de algoritmos e inteligência artificial para analisar dados e gerar notícias automatizadas se torna uma tendência crescente.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Baldessar (2001), Pereira (2008) e Silva (2013).

Pela interpretação do quadro 1, é possível perceber que a influência das inovações tecnológicas não se limitou à utilização de novas ferramentas e sua aplicação prática na construção das notícias. Ela se estende à estruturação de processos, produtos e relações sociais. A partir de uma tendência crescente de digitalização de dados e produtos simbólicos, interligação da sociedade em redes de comunicação, automatização e comunicação móvel, o jornalismo vivencia uma transformação nas formas de ser e fazer. Ao encontro de tais tendências, as empresas jornalísticas remodelaram seus negócios e o público passou a preferir publicações online, gratuitas e onipresentes. Tanto que o jornalismo se tornou um disciplinamento técnico, mais que uma habilidade investigativa ou linguística. O bom jornalista passa a ser aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias e não aquele que mais sabe ou melhor escreve (Marcondes Filho, 2000). Com esse contexto tecnológico estruturador das práticas, há uma consolidação do jornalismo digital e, isto significa que pensar o jornalismo como fenômeno social demanda a aproximação com novas áreas de conhecimento, particularmente das áreas tecnológicas e computacionais (Silva, 2013, Franciscato, 2014 e Castilho, 2019).

Inteligência artificial

Um sistema de IA cumpre a premissa de resolver um determinado problema, a partir da coleta e da interpretação de um grande número de dados, sendo capaz de armazenar e manipular tais dados, mas também de adquirir, representar, deduzir ou inferir novos conhecimentos. Segundo Barcelos (2019), isso significa que um sistema de IA é capaz de apresentar novas relações sobre fatos e conceitos a partir do conhecimento existente. A IA é a simulação da inteligência humana em máquinas, que são projetadas para aprender com seu ambiente e experiências, sendo capazes de adaptar seu comportamento com base nesse aprendizado (Schutzer, 1987; Barcelos, 2019; Pavlik, 2023). O quadro 1 resume os principais marcos da evolução da Inteligências Artificial:

Quadro 2: Marcos da evolução da Inteligência Artificial

1943	Johannes Gutenberg inventa a prensa de tipos móveis, permitindo a produção em massa de livros e jornais.
1958	Rosenblatt cria o Perceptron, um algoritmo para o reconhecimento de padrões baseado em uma rede neural computacional de duas camadas usando simples adição e subtração.

1980	Fukushima propõe a Neoconitron, uma rede neural de hierarquia, multcamada, que foi utilizada para o reconhecimento de caligrafia e outros padrões.
1989	São criados algoritmos que usavam redes neurais profundas.
1992	Weng publica o Cresceptron, um método para realizar o reconhecimento de objetos 3D a partir de cenas desordenadas.
Anos 2000	O termo aprendizagem profunda começa a ganhar popularidade após um artigo de Hinton e Salakhutdinov.
2009	Acontece o NIPS Workshop sobre aprendizagem profunda para reconhecimento de voz e descobre-se que com um conjunto de dados suficientemente grande, as redes neurais não precisam de pré-treinamento e as taxas de erro caem significativamente.
2012	Algoritmos de reconhecimento de padrões artificiais alcançam desempenho em nível humano em determinadas tarefas
2014	O Google compra a startup de Inteligência Artificial DeepMind e, pela primeira vez, um computador passou no teste de Turing ao conseguir enganar uma banca na Universidade de Reading, em Londres.
2015	O Facebook coloca a tecnologia de aprendizado profundo – chamada DeepFace – em operação para marcar e identificar automaticamente usuários do Facebook em fotografias.
2016	O algoritmo do Google vence o campeão mundial de Go.
2017	Adoção em massa do <i>Deep Learning</i> em diversas aplicações corporativas e <i>mobile</i> , além do avanço em pesquisas.
2022	Lançamento do ChatGPT pela OpenAI.

Fonte: Adaptado pelas autoras com base em Barcelos (2019)

Um dos primeiros testes criados para considerar uma máquina inteligente foi o “teste de Turing” ou “Jogo da Imitação” idealizado por Alan Turing, o pai da computação moderna. O teste mede a capacidade de uma máquina de se comunicar de forma indistinguível de um ser humano e consiste em três participantes: um juiz humano, um humano que age como uma fonte de comunicação e uma máquina. O juiz tem que determinar, por meio de uma conversa escrita, qual dos dois participantes é a máquina. Se 30% dos humanos que interagem com a máquina acreditarem que sua interlocução é humano-humano, então a máquina é considerada “aprovada” no teste de Turing (Rossoni).

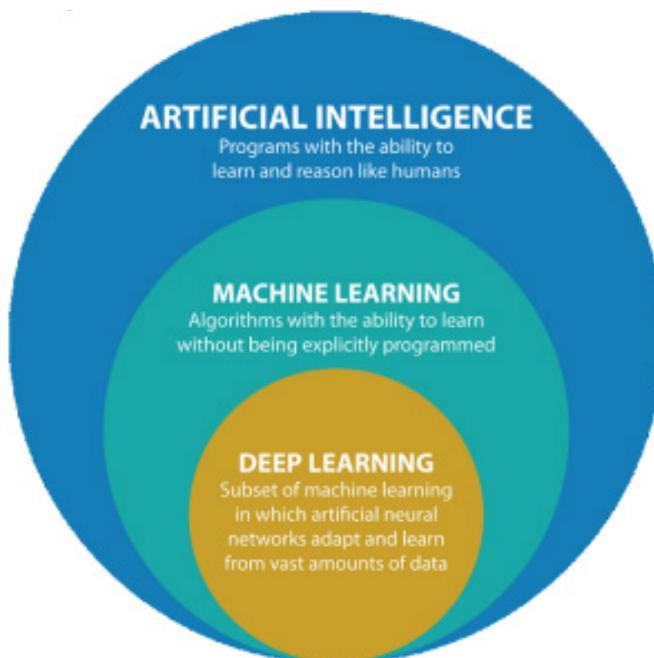
Barcelos (2019) destaca que mesmo com habilidades que possam superar o volume de processamento de informações, a IA disponível requer sucessivas interações e contribuições do ser humano, mas este cenário está próximo de mudar: a fase em que a AI poderá ser equiparada à inteligência humana, isto é, à capacidade cognitiva e comportamental ocorreria em 2029. Túñez-Lopes et al. (2019) corroboram ao expor que a IA evoluiu de ser puramente reativa para ser uma máquina com capacidade de armazenamento (ainda que temporário), e com poderes para tomar decisões com base em suas experiências.

Independentemente do estágio em que a IA se encontra, um fato é certo: seu uso tem se tornado cada vez mais popular e acessível. Com as técnicas avançadas de *machine learning* ou aprendizado de máquina, os algoritmos evoluem a partir

da experiência de interação com o usuário. Santana (2018) demonstra que os algoritmos de *machine learning* necessitam de dados para extrair características e aprendizados que podem ser utilizados na tomada de decisões futuras. Barcelos (2019), por sua vez, explica que o uso de algoritmos inteligentes alcança a função de fazer previsões diante de comandos, os famosos *prompts*, superando a lógica das programações. É aqui que a IA observa ações humanas e elabora soluções diferentes daquelas previamente definidas e até mesmo esperadas.

No campo do aprendizado de máquina, em que a IA aprende a tomar uma decisão baseada em exemplos de um problema, e não de uma programação específica, existe um subcampo denominado *deep learning* (DL), em que são utilizadas redes neurais artificiais profundas. O DL exige ainda mais treinamento seja para reconhecer e diferenciar imagens ou para gerar uma conversa com um interlocutor humano. Alguns exemplos de técnicas deste subcampo são: a extensão da visão computacional e o processamento de linguagem natural. A figura 1 mostra a hierarquia das áreas de estudo da Inteligência Artificial comentadas neste artigo.

Figura 1: Hierarquia das áreas de estudo de IA



Fonte: Santana (2018)

As Redes Neurais Artificiais (RNAs) imitam o processamento de informação de um neurônio humano diante de capacidades cognitivas, instruções, geração de memória vivida e aprendizado histórico, com base numa lógica muito comum do comportamento humano: entendimento de erro e acerto. No contexto do processamento de linguagem natural, as RNAs podem ser usadas para várias tarefas: compreender a linguagem humana, a vocalização, da formação frasal diante de contextos, pela associação de palavras-chaves, à compreensão semântica e estrutural de artigos, verbos, substantivos, adjetivos e locuções. Tal área é determinante para pensar a comunicação e interlocução entre agentes humanos e não humanos, especialmente, dos assistentes virtuais - e as RNAs são uma das principais abordagens usadas para realizar essa tarefa complexa (Barcelos, 2019).

Em resumo, as redes neurais artificiais são fundamentais para o processamento de linguagem natural, permitindo que as máquinas entendam e gerem linguagem humana de forma eficaz. Inserido neste contexto de processamento de linguagem natural, surge o ChatGPT (*Generative Pre-trained Transformer*), uma rede neural artificial baseada em *transformers*, que é uma arquitetura avançada no processa-

mento de linguagem natural. Desenvolvido pela *OpenAI*, um laboratório de pesquisa de inteligência artificial estadunidense, o ChatGPT é treinado com milhões de textos da internet, permitindo que ele gere respostas em texto de forma autônoma.

O ChatGPT foi introduzido pela primeira vez em 2018 e, desde então, passou por várias iterações, com a versão mais recente, GPT-3, sendo lançada em 2020. Com mais de 175 bilhões de parâmetros, o GPT-3 é o maior e mais poderoso modelo de linguagem até hoje (GUERRA, 2023). O lançamento da ferramenta para o público aconteceu em novembro de 2022 e, desde então, tem sido usada para diversas finalidades, tais como *chatbots*, geração automática de conteúdo e tradução automática (Rossoni e ChatGPT, 2022).

A invasão da IA é uma realidade no jornalismo. Contudo, o jornalismo que utiliza de ferramentas de inteligência artificial não trabalha diretamente com a realidade definida pelos fatos, mas sim com uma realidade codificada (principalmente em dados) na qual os algoritmos atuam. Plataformas de IA generativas, como o ChatGPT, refletem a capacidade de passar no Teste de Turing e, portanto, podem representar tanto uma ameaça quanto uma oportunidade aos jornalistas (Barcelos, 2019, Túñes-Lopes *et al.*, 2019 e Pavlik, 2023).

O ChatGPT não é consciente de si mesmo, mas é capaz de processar e apresentar informações, por ora, no formato de texto, mas futuramente, talvez, em forma de áudio ou vídeo, de maneira que possa parecer humana. Neste sentido, Guerra (2023) aponta que o ChatGPT pode ser usado para algumas atividades jornalísticas, como melhora na acessibilidade do conteúdo de notícias para pessoas com deficiência; geração de perguntas de entrevista; resumo de artigos; geração de títulos e tradução de idiomas e, ainda:

- Geração de notícias automatizadas: ao alimentar o modelo com dados estruturados, como relatórios financeiros ou placares esportivos, ele pode gerar artigos de notícias com rapidez e precisão que resumem os pontos-chave.
- Verificação de fatos: ao analisar grandes quantidades de dados de texto, o modelo pode identificar inconsistências e erros em artigos de notícias.
- Geração de insights: ao analisar grandes quantidades de dados de texto, o modelo pode identificar padrões e tendências que podem não ser imediatamente aparentes para jornalistas humanos, como por exemplo utilizar o ChatGPT para analisar conversas de mídia social sobre um determinado tópico e identificar temas emergentes.

Pavlik (2023) e Hochstein (2023) reforçam que os jornalistas devem estar cientes que, como um modelo de linguagem, o ChatGPT é limitado e pode gerar respostas sem sentido ou não relacionadas aos prompts que recebe. Também é incapaz de “preencher o vazio de dados”, ou seja, ele não responderá a uma pergunta dizendo que não sabe a resposta; em vez disso, se os dados que ele possui não fornecerem uma resposta, ele simplesmente inventará uma. Isso pode ser especialmente problemático em regiões onde a internet é historicamente desprovida de dados.

É importante considerar que o ChatGPT requer acesso a grandes quantidades de dados de texto para funcionar de forma eficaz. Embora os dados usados para treinar o modelo sejam normalmente anonimizados, ainda há preocupações com a privacidade e a segurança dos dados. Apesar disso, Barcelos (2019) considera que, desde que desenvolvida para promover a exatidão e agilidade na geração de informações de interesse público, a utilização de ferramentas de IA pode contribuir nas rotinas profissionais dos jornalistas, que podem ter um foco maior na investigação, e usar os robôs na captação de dados ou transferência de dados menos relevantes ou de baixa complexidade.

Procedimentos metodológicos

De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, tendo como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, podendo ser realizada por meio da construção do levantamento bibliográfico sobre o tema, através de entrevistas ou questionários. Assim, este artigo pode ser definido como uma pesquisa exploratória.

Para compreensão do fenômeno estudado, que é o uso da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT na rotina jornalística de repórteres, optou-se pelo questionário, caracterizado como um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. O questionário possui 13 perguntas e foi desenvolvido de modo a endereçar as principais questões levantadas na fundamentação teórica deste artigo, conforme detalhado abaixo.

1. Como você começou a utilizar o ChatGPT em sua rotina de trabalho jornalístico? Foi uma decisão institucional do veículo de comunicação no qual você atua ou foi uma atitude individual?
2. Quais foram os principais motivos que o levaram a experimentar essa ferramenta?
3. Em quais tarefas específicas você tem usado o ChatGPT? Como ele tem beneficiado seu trabalho?
4. Com qual frequência você tem usado a ferramenta?
5. Quais são as principais vantagens e desafios de usar o ChatGPT como uma ferramenta auxiliar em suas atividades jornalísticas?
6. Existem situações em que o ChatGPT se mostrou particularmente útil ou limitado?
7. O ChatGPT tem acelerado sua rotina jornalística? Em que medida ele complementa ou substitui abordagens tradicionais de pesquisa?
8. O ChatGPT tem ajudado a identificar possíveis vieses ou erros em seu trabalho?
9. Quais precauções você toma ao utilizar o ChatGPT para garantir a veracidade das informações? Você faz verificações adicionais ou usa outras fontes para validar as informações fornecidas pelo ChatGPT?
10. Como você lida com as limitações do ChatGPT, como respostas imprecisas, falta de contexto ou possíveis tendências geradas pelo modelo?
11. Você compartilha os resultados do ChatGPT com sua equipe ou usa as respostas geradas como base para discussões e investigações mais aprofundadas?
12. Quais são suas expectativas futuras em relação ao uso do ChatGPT no jornalismo? Você acredita que essa ferramenta se tornará mais comum e essencial nas redações?
13. Você visualiza possíveis riscos ou desafios que podem surgir com seu uso generalizado?

A amostra ideal para a presente pesquisa é composta por jornalistas por formação que atuam em redações de veículos de comunicação brasileiros (jornais diários ou portais de notícia) e que tenham realizado experiências com a ferramenta ChatGPT nos últimos dois meses. Para encontrar a amostra ideal, utilizou-se o método de amostragem não-probabilística por snowball. De acordo com Dewes (2013), o método não utiliza referências, mas de uma rede de amizades dos membros existentes na amostra. O processo começa com pessoas selecionadas pelo pesquisador e que fazem parte da população-alvo. Essas pessoas, por sua vez, indicam outros indivíduos para a amostra.

Como a utilização do ChatGPT é recente, faz sentido que poucos jornalistas

listas tenham realizado experiências com a ferramenta. Por este motivo, o método snowball se mostrou efetivo para desenvolvimento do artigo, já que permitiu que os jornalistas contatados na primeira seleção da amostra, mesmo que não utilizassem a ferramenta, pudessem indicar colegas que a utilizassem. Após realizar o contato com os jornalistas da primeira amostra e as sucessivas indicações, chegou-se ao número de cinco profissionais que realizaram experiências com o ChatGPT e poderiam falar sobre o assunto.

Com a amostra selecionada, partiu-se para aplicação do questionário foi a definição do tipo de coleta, que pode ser direta ou indireta. Na aplicação indireta, formato escolhido para este artigo, o pesquisador não faz a aplicação presencialmente, realizando a coleta pelo correio, pela internet ou por terceiros. A vantagem é a aplicação mais fácil, barata, ágil e a desvantagem é um menor índice de retorno (Maia,2020). O questionário foi enviado via e-mail para os cinco jornalistas, mas apenas três deles responderam no prazo. Serão utilizados códigos para identificar os respondentes, de modo a garantir a privacidade deles.

Quadro 2: Perfil dos respondentes

Repórter (1)	<p>Gênero: masculino</p> <p>Idade: 28 anos</p> <p>Formação: Jornalismo</p> <p>Veículo de comunicação no qual atua: site jornalístico independente de fact checking</p> <p>Cargo: repórter</p>
Repórter (2)	<p>Gênero: feminino</p> <p>Idade: 30 anos</p> <p>Formação: Jornalismo</p> <p>Veículo de comunicação no qual atua: portal de notícias que cobre o impacto das redes sociais na sociedade</p> <p>Cargo: gerente de estratégia</p>
Repórter (3)	<p>Gênero: masculino</p> <p>Idade: 43 anos</p> <p>Formação: Jornalismo</p> <p>Veículo de comunicação no qual atua: portal jornalístico e de entretenimento.</p> <p>Cargo: editor-assistente</p>

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

Resultados e discussão

Neste tópico, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos com a análise das respostas ao questionário composto por 13 perguntas acerca da utilização da ferramenta ChatGPT por três repórteres que atuam em redações de veículos de comunicação brasileiros. Pelas respostas às questões que contextualizam o uso da ferramenta, observou-se que a iniciativa em utilizar o Chat GPT foi mais individual que coletiva ou institucional e foi motivada pela curiosidade - qualidade característica do profissional jornalista. Também se observou que o uso ainda não

é tão frequente, e o ChatGPT é utilizado em atividades de pré-produção e estruturação do conteúdo, como resumo de textos e formulação de palavras-chave.

Quadro 3: Respostas das perguntas (1), (3) e (4) do questionário

Repórter (1)	O ChatGPT não é muito confiável para ajudar na apuração, mas ele é uma boa ferramenta para trabalhos "braçais" do texto. Então, de forma individual, já utilizei ele para resumir uma matéria, por exemplo, ou para elencar palavras-chave de uma matéria. Em ambos os casos, a decisão de fazer isso foi individual (...) Utilizo a ferramenta algumas vezes na semana. Não uso todo dia.
Repórter (2)	Começamos a utilizar o ChatGPT assim que ele foi disponibilizado ao público, inicialmente para testar as funcionalidades e aos poucos fomos integrando nas tarefas da redação. Foram iniciativas individuais e coletivas. Os principais usos do ChatGPT são para resumir textos, melhorar ou enxugar a redação de alguns parágrafos, auxiliar no desenvolvimento de software e debug de códigos, criar conteúdos dinâmicos em cima de raspagens de grandes quantidades de dados. Entretanto, os conteúdos gerados pelo ChatGPT são sempre revisados por humanos para serem utilizados.
Repórter (3)	Foi uma atitude individual, e em uma situação pontual. Creio que ainda não avançamos no uso da inteligência artificial, mas é um fator a se pensar, e não apenas com ChatGPT. Para formular receitas, posts de blog, ou roteiros de vídeos para o YouTube, por exemplo, até me parece algo tranquilo e útil, contanto que ocorra uma checagem posterior das informações. No jornalismo sério, de fato, não vejo como empregar isso até o momento.

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

A resposta do repórter (3) vai ao encontro do que recomenda Hochstein (2023): os jornalistas devem usar o ChatGPT como ferramenta, reconhecendo suas limitações. O modelo pode ajudar os jornalistas a escreverem mais rápido quando estão com prazos curtos, inspirá-los quando estão com problemas para serem criativos, mas sempre com um humano ao seu lado, pois tudo o que o ChatGPT diz deve ser verificado duas vezes.

A pergunta (2) indagava os principais motivos que levaram os repórteres a experimentar a ferramenta e as respostas foram distintas. O repórter (1) confessou ter sido hype, ou seja, a extrema promoção do ChatGPT durante um curto espaço de tempo. A repórter (2) destacou ter sido “tirar proveito de uma tecnologia inovadora

para aprimorar o nosso trabalho, facilitar tarefas e ser pioneiro em boas práticas e inovação de produtos com uso de IA no mercado de jornalismo brasileiro”; e o repórter (3) disse ter sido a característica da pauta que está construindo no momento, Dia do Orgulho Nerd, que é “um assunto leve - e que tem informações já consolidadas na internet. E mesmo depois que a inteligência artificial mandou as informações, os dados foram checados para minimizar a possibilidade de erros e imprecisões”.

A pergunta (5) sugere a reflexão sobre as principais vantagens e desafios em usar o ChatGPT como uma ferramenta auxiliar nas atividades jornalísticas e as respostas, que podem ser verificadas no quadro 4, reforçam o entendimento de que as ferramentas de IA têm sido utilizadas no jornalismo para acelerar as atividades que são “pouco ou não-cognitivas”, como aquelas citadas por Guerra (2023) na seção de fundamentação teórica deste artigo. Os três repórteres apontaram o desafio de ter que não apenas checar, mas “rechecar” a informação fornecida pelo ChatGPT, por suas fontes “pouco confiáveis”.

Quadro 4: Respostas da pergunta (5)

Repórter (1)	Muita gente usou para fazer pesquisa, o que me fez tentar usar para esse fim. No final, no entanto, o ChatGPT não auxilia tanto na hora de buscar informações: a busca dele não reflete, necessariamente, a realidade (você deve “rechecar” as respostas que ele te dá); ele possui um limite de busca (informações mais novas, geralmente, não são acessadas por ele); e ele não “cria” informações novas, no sentido de entrevistar pessoas ou cruzar informações. Dessa maneira, uso mais para ajudar no processo de redação.
Repórter (2)	A principal vantagem é a otimização de tarefas e o principal desafio é o cuidado com a informação que recebemos como resposta, visto que é preciso sempre checar se está de acordo com a realidade.
Repórter (3)	O ChatGPT usa informações disponíveis em fontes não confiáveis na internet, que sequer temos como identificar. A plataforma pode até produzir um texto longo em poucos segundos, mas quase sempre estará repleto de erros de informação, que comprometem por completo a credibilidade - em termos jornalísticos.

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

Partindo do suposto que a ferramenta possui limitações, as perguntas (9) e (10) provocavam os repórteres a argumentar como se estruturam para suprir as deficiências da ferramenta. O repórter (1) afirmou que “não tem como confiar no ChatGPT. Por isso, não uso para auxiliar na apuração de matérias. Inclusive, estava apurando para um livro-reportagem autoral e, depois que fiz toda a pesquisa, pedi para o ChatGPT “resumir” o que se sabia sobre o assunto. Ele inventou TUDO, pegou informações de fóruns e comentários e tratou como se fosse verdade... um horror informativo”.

A repórter (2) comentou que “sabemos dessa limitação desde o início e estamos sempre atentos a essas questões, usando as respostas do ChatGPT com responsabilidade, sempre checando as respostas para não utilizar informações imprecisas e tendenciosas no nosso trabalho”. Já o repórter (3) disse que não confia nas informações e não gosta do tipo de respostas que a ferramenta entrega, pois “na única pauta que fizemos até hoje com ChatGPT, houve revisão, parágrafos corrigidos - e até reescritos - e uma boa checagem de informações junto a outros artigos produzidos por sites que eram referência no assunto”.

Em relação às situações em que o ChatGPT se mostrou particularmente útil ou limitado, o que corresponde à pergunta (6) do questionário, os respondentes reforçaram a limitação: imprecisão dos dados e fontes pouco confiáveis que são utilizadas pela ferramenta para gerar as respostas aos prompts. A repórter (2) destacou que o uso de inteligência artificial deve ser aplicado para facilitar o trabalho do jornalismo, não produzi-lo. Segundo ela, os produtos de inteligência artificial são ferramentas – tais como nossos laptops ou canetas – e devem ser utilizadas como tal, não como substitutos aos profissionais. O repórter (3), por sua vez, apontou a utilidade da ferramenta para “produção de texto sobre assuntos pouco relevantes ou que tenham informações já consolidadas na internet, mas sempre, seguido de uma boa apuração”.

A pergunta (7) questionava se o ChatGPT tem acelerado a rotina jornalística e as respostas frisam o aspecto operacional do ChatGPT, como uma ferramenta que contribui com atividades “não jornalísticas”. O repórter (1) ressaltou que o ChatGPT o ajuda, pois “o tempo que eu levaria para resumir uma matéria em um parágrafo, por exemplo, é diminuído significativamente”. A repórter (2) afirmou que a ferramenta “complementa abordagens de apuração, produção de conteúdo e desenvolvimento de tecnologia”, enquanto o repórter (3) foi enfático ao dizer que “se usarmos o ChatGPT para nos indicar um caminho, pode ter alguma utilidade, mas nada substitui a apuração” e que “ainda é impossível pedir para o ChatGPT produzir uma reportagem sobre alguma pauta importante - e que tenha impacto na vida das pessoas”.

Complementando a pergunta (7), a pergunta (8) questionava se o ChatGPT tem ajudado a identificar possíveis vieses ou erros no trabalho e apenas a repórter (2) respondeu positivamente, manifestando que o ChatGPT havia auxiliado a identificar erros de código. Este retorno evidencia tanto o abismo quanto o potencial de desenvolvimento do ChatGPT rumo a se tornar uma ferramenta verdadeiramente útil nas redações. Neste contexto, Marconi (2020) levanta questões importantes sobre o futuro da profissão jornalística, que não pode funcionar isolada da tecnologia, mas sim incentivar a experimentação de novas práticas nas redações e a busca por maior interdisciplinaridade, além de contribuir para a introdução de algoritmos avançados nas práticas jornalísticas.

No que concerne às discussões coletivas, a pergunta (11) interrogava se os repórteres compartilhavam os resultados de suas experiências com o ChatGPT com a equipe. Os três repórteres afirmaram que, quando demanda discussão, sim. Já as perguntas (12) e (13) abordaram as expectativas futuras em relação ao uso do ChatGPT e os possíveis riscos que podem surgir com seu uso generalizado, respectivamente. As respostas podem ser averiguadas no quadro 5.

Quadro 5: Respostas das perguntas (12) e (13)

Repórter (1)	<p>Experiências como resumos, estruturação de texto para redes sociais, bullet points parecem ser promissores. Há tentativas para ver se a IA ajuda também na relação com o público (no sentido de responder usuários, orientar leitores etc). Acredito que o ChatGPT tem potencial para auxiliar jornalistas, sim, mas não vejo, AINDA, a ferramenta substituindo o jornalismo profissional. No momento que jornalistas usam o ChatGPT como fonte, eles tomam para si a responsabilidade de publicar algo errado. Então as informações por ele apresentadas devem, sempre, ser rechecadas. Sem contar que, por ser uma máquina, ele responde a um determinado algoritmo e possui vieses e, por isso, também não deve ser usado como uma fonte de opinião.</p>
Repórter (2)	<p>Sem dúvida será uma ferramenta essencial para jornalistas e para a audiência de forma geral, e é exatamente por esse motivo que estamos desenvolvendo produtos que utilizem essa tecnologia para facilitar a navegação por informações precisas, com qualidade jornalística e links de referência, ajudando a construir um jornalismo que tire bom proveito dessa inovação, de forma responsável e garantindo um impacto positivo na forma como se consome conteúdo online.</p>
Repórter (3)	<p>A inteligência artificial é uma realidade na produção de conteúdos na internet. Não há mais como frear esse avanço. E acredito que o termo "inteligência artificial" será a "palavra do ano". Não creio, porém, que o ChatGPT se tornará tão cedo uma realidade em redações de jornalismo sério. Seria necessário que ele indicasse todas as fontes usadas para entregar as respostas. Sem isso, o repórter até pode ter um texto pronto em poucos segundos, mas as informações contidas nesse texto serão sempre duvidosas.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

Túñez-Lopes et al. (2019) afirma que o jornalismo é uma área que será significativamente afetada pela evolução das tecnologias relacionadas à IA, as quais irão mudar a forma de encarar a profissão. A chave está em avançar juntos: os robôs e os humanos. E, nesse sentido, o perfil do jornalista está mudando: esse profissional deverá se capacitar não apenas no conhecimento de como transmitir a informação de forma adequada, mas também na forma de colaborar adequadamente com as máquinas de IA para obter o melhor resultado.

Mesmo que a utilização do ChatGPT, nas redações, ainda seja incipiente, é possível perceber que os repórteres que se atreveram a fazer testes com ela possuem facilidade em identificar os pontos de atenção no uso generalizado da ferramenta. Tal atitude demonstra que os profissionais estão em consonância ao dever do jornalista em “transmitir e traduzir” os avanços tecnológicos para a sociedade.

Um caminho para a adoção em massa de ferramentas de IA no jornalismo talvez seja a proposta por Túñez-Lopez et al. (2019). Os autores apontam que a perspectiva futura é evitar a uniformização de tarefas, fortalecendo a participação cognitiva do jornalista no processo de construção da notícia e as características essencialmente autorais. Certamente que pesquisas, testes e experiências adicionais são necessárias para examinar criticamente sistemas de IA generativos, como o ChatGPT e avaliar sua relevância para o jornalismo e para a educação em jornalismo e mídia. Mas, em muitos aspectos, o futuro é agora, e os jornalistas não devem adiar a consideração da interface humano-computador em suas rotinas, tampouco seu impacto no jornalismo e na mídia.

Considerações finais

O ChatGPT é uma ferramenta de inteligência artificial extremamente recente e, como qualquer novidade, sobretudo no campo do jornalismo, sua utilização carece de amadurecimento e testes estruturados. Além disso, há dúvidas sobre como a OpenAI moldará seu modelo de negócios. Embora atualmente o Chat GPT seja gratuito e aberto, qualquer alteração na monetização pode levantar questões sobre o uso da ferramenta. Para aprimoramento do ChatGPT, contudo, é fundamental que mais profissionais façam uso dela, pois quanto mais erros, bugs e limitações forem encontrados, mais insumos a OpenAI terá para corrigi-los e aprimorar a ferramenta. Além disso, destaca-se a necessidade de realizar esse tipo de pesquisa em maior escala e em redações profissionais da chamada "grande imprensa".

Enquanto o ChatGPT - ou qualquer outra ferramenta de IA - não for confiável, a Política de Uso de IA do Núcleo Jornalismo parece ter um direcionamento adequado: facilitar o trabalho do jornalismo, não produzi-lo. No que compete aos jornalistas, destaca-se que se o trabalho do jornalista se limitasse a redigir e transmitir notícias, seu fim estaria bem próximo. Por isso, eles devem continuar a perguntar e buscar as informações que beneficiam, orientam, instruem os públicos, quaisquer sejam as formas de sua difusão e consumo (Barcelos, 2019).

Como aponta Barcelos (2019) é tanto necessário quanto inevitável que (1) os profissionais se capacitem e desenvolvam seu letramento teórico - e ferramental - sobre a IA, para que se possa elevar a condição profissional, formando um jornalista capaz de compreender as atuações de objetos inteligentes; e (2) a academia desenvolva teorias que deem conta de acionar a criticidade e a solução de problemas comunicacionais no âmbito da IA do aprendizado de máquina e do processamento de linguagem natural, com particular atenção aos riscos que essa tecnologia irá representar à cultura e à credibilidade do jornalismo. Às questões de Barcelos (2019), acrescenta-se mais um item: (3) o disciplinamento técnico e a reconfiguração do jornalismo em consequência das novas tecnologias demanda ser pensado com o aporte de novas disciplinas e metodologias, com apoio da academia. Pois, como bem coloca Castilho (2019), a profissão está “condenada” a rever também o conjunto de valores que justificam e motivam o exercício do jornalismo.

Referências

ABDULRAHMAN, S. Journalism meets AI: How Chat GPT Can Revolutionize Your Work Process and Content Creation. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/journalism-meets-ai-how-chat-gpt-can-revolutionize-your-abdulrahman/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BALDESSAR, M. J; ZANDOMÊNICO, R. Os desafios da qualificação profissional do jornalista diante da inteligência artificial nas redações / The challenges of journalists' professional qualifications in the face of artificial intelligence in the newsrooms. Brazilian Journal Of Development, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 17959-17964, 12 mar. 2022. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv8n3-164>.

BALDESSAR, M. J. Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas. In: INTERCOM, 2001, Campo Grande. Anais eletrônicos... Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS, 2001. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BALDESSAR.PDF>

BARANOWSKI, P; Francesco Marconi (2020). Newsmakers: artificial intelligence and the future of journalism. Central European Journal Of Communication, [S.L.], v. 14, n. 229, p. 357-360, 28 dez. 2021. Polish Communication Association. [http://dx.doi.org/10.51480/1899-5101.14.2\(29\).11](http://dx.doi.org/10.51480/1899-5101.14.2(29).11).

BARCELOS, M. Um olhar no jornalismo futuro a partir da Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI): prospecções científicas e os desafios tecnológicos nas redações. 2019. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214828>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CASTILHO, C. O jornalismo vive o conflito entre novas tecnologias e velhos valores. 2019. Disponível em: <https://ccastilho.medium.com/o-jornalismo-vive-o-conflito-entre-novas-tecnologias-e-velhos-valores-6576299aca1d>. Acesso em: 10 out. 2023.

DEWES, J. O. Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição de métodos. 2013. 53 f. TCC (Doutorado) - Curso de Estatística, Departamento de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>. Acesso em: 19 jun. 2023.

FONTANELLA, B.; RICAS, J.; TURATO, E. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cadernos de Saúde Pública, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2008000100003>

FRANCISCATO, C. E. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. Revista GEINTEC - Gestão, Inovação e Tecnologias, São Cristóvão, v. 4, n. 4, 2014. Edição especial. Disponível em: <http://www.revistageintec.net/portal/index.php/revista/article/view/558>. Acesso em: 10 out. 2023.

GIL, C.. Como Elaborar Projetos de Pesquisa, 6^a edição. São Paulo, Atlas, 2002.

GUERRA, M (Colômbia). Chat GPT for Journalism: Revolutionizing the Future of Reporting. 2023. Disponível em: <https://brandalytics.co/chat-gpt-for-journalism/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

HOCHSTEIN, M. The Benefits and Pitfalls of ChatGPT for Journalists. 2023. Disponível em: <https://www.icfj.org/news/benefits-and-pitfalls-chatgpt-journalists>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MAIA, A. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 52 p. Disponível

em: <https://www.researchgate.net/publication/341259892> Questionario e entrevista na pesquisa qualitativa Elaboracao aplicacao e analise de conteudo. Acesso em: 19 jun. 2023

MARCONDES FILHO, C. Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker.

MENDES, A. As novas tecnologias ao serviço do jornalismo. A revolução dos dispositivos móveis e a adaptação dos órgãos de comunicação social - O caso da Agência Lusa. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. 142 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/35897>. Acesso em: 10 out. 2023.

NÚCLEO JORNALISMO (Brasil) (ed.). Núcleo publica política de uso de Inteligência Artificial. 2023. Disponível em: <https://www.icfj.org/news/benefits-and-pitfalls-chatgpt-journalists>. Acesso em: 19 jun. 2023.

PEREIRA, L. Os avanços tecnológicos no telejornalismo brasileiro: de 1950 a Era digital. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

ROSSONI, L; GPT, Chat. A inteligência artificial e eu: escrevendo o editorial juntamente com o ChatGPT. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 399-405, 1 out. 2022. IBEPE (Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais). <http://dx.doi.org/10.21529/recadm.2022ed3>.

SANDANO, C. Para além do código digital: o lugar do Jornalismo em um mundo interconectado. São Carlos: EdUFSCar, 190. 2015.

SANTANA, M. Deep Learning: do Conceito às Aplicações: O que é, como surgiu e quando usar Deep Learning. 2018. Disponível em: <https://medium.com/data-hackers/deep-learning-do-conceito-%C3%A0s-aplica%C3%A7%C3%A3os-e8e-91a7c7eaf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SILVA, R. A influência tecnológica sobre a prática jornalística. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2013, Ouro Preto (Minas Gerais). 9º Encontro Nacional de História da Mídia - UFOP. Ouro Preto: Ufop, 2013. p. 1-15. Disponível em: https://www.academia.edu/3996637/A_influ%C3%A7%C3%A3o_tecnol%C3%B3gica_sobre_a_pr%C3%A1tica_jornal%C3%ADstica. Acesso em: 10 out. 2023.

SCHUTZER, D. Artificial Intelligence: An Application - oriented Approach. Van Nostrand Reinhold Company Inc, 1987.

PAVLIK, John V. Collaborating With ChatGPT: considering the implications of generative artificial intelligence for journalism and media education. Journalism & Mass Communication Educator, [S.L.], v. 78, n. 1, p. 84-93, 7 jan. 2023. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/10776958221149577>.

TÚÑEZ-LÓPEZ, M. et al. Automatización, bots y algoritmos en la redacción de noticias. Impacto y calidad del periodismo artificial. Revista Latina de Comunicación Social, [S.L.], p. 1411-1433, 6 set. 2019.